

## ENTREVISTA

## Entrevista realizada pelo professor Antonio Edmilson com o cantor e compositor Toninho Nascimento.

**Toninho Nascimento é cantor e compositor carioca de samba.**

**Antonio Edmilson Historiador, livre-docente em História do Brasil pela UERJ, professor aposentado da PUC-Rio e UFF. Atua no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UERJ) e é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ). Foi membro titular do Conselho Municipal da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (2010 a 2025). Publicou De colina sagrada a dente cariado (2024, com Luciene Carris), João do Rio (2000), José de Alencar (2001) e Nair de Tefé (2002).**



## Apresentação

Num dia já perdido no tempo, no ano em que a cidade do Rio de Janeiro comemora os seus 460 anos, eu (Antonio Edmilson), Luciene Carris e Toninho Nascimento nos encontramos para uma conversa descontraída numa região que antigamente recebia o nome de Aldeia Campista. A ideia veio do próprio Toninho Nascimento e logo que ele marcou o lugar eu entendi. Ali foi o lugar onde eu e Antonio, hoje Toninho Nascimento, vivemos parte grande de nossa infância e adolescência, somos como ele sempre afirma “aldeões”, mais do que isso nos sentamos num botequim que no nosso tempo era o bar do Alexandre. Pouca coisa mudou por ali. A rua permanece calçada de paralelepípedos, as fachadas das casas ainda são as mesmas. Esse cenário ouviu Toninho Nascimento recordar a sua trajetória de vida, em particular, a musical. O que será lido aqui é parte da vivência de um compositor que tomou a cidade como inspiração e espaço de vivência.<sup>i</sup>



Fonte: Acervo pessoal do autor (2025).

**Antonio Edmilson: Qual é o seu nome completo? E seu nome de registro? E na família, te chamam de Antônio, Antônio Carlos ou Carlos?**

Toninho Nascimento: Antônio Carlos Nascimento Pinto. Aliás, o pessoal que foi criado comigo é que me chama de Antônio. E a minha mãe e meu pai sempre me chamaram de Antônio Carlos. Luizinho, meu irmão, é o único que me chama de Carlos. Mas tem um problema, se minha mãe tivesse herança, eu não teria direito a ela, porque na certidão de casamento dela consta Osmarina Barros Pinto. Meu pai, quando foi me registrar estava cheio de “goró”, em vez de botar Osmarina Barros Pinto, ele botou o nome dela de solteira na minha certidão de nascimento, Osmarina Nascimento Pinto.

**Antonio Edmilson: E quando é que você virou o Toninho Nascimento?**

Toninho Nascimento: Foi em Mesquita, quando eu morei lá. Quando eu iniciei na música a Clara Nunes começou a gravar as minhas músicas eu era só Toninho mesmo. Aí uma vez chegaram para mim e falaram assim: “Pô, Toninho, parabéns pela música que uma cantora chamada Renata Lu, gravou”. Eu disse: “Ah não, esse é o Toninho da Imperatriz”. Então para diferenciar do Toninho da Imperatriz, eu

botei “Nascimento”.

**Antonio Edmilson: Fala um pouco sobre sua origem, você nasceu em Belém do Pará, mas você veio criança para cá, você tem memórias dessa época?**

Toninho Nascimento: Eu nasci em Belém em frente ao Cais do Ver-o-Peso. Meu pai era um peregrino, irresponsavelmente peregrino. Ele era sócio de um bar que tinha lá em frente, lembrava muito o Bar do Zika, lá na Praça Mauá, ficava sempre aberto, era frequentado por marinheiros e prostitutas.<sup>ii</sup> Nessa época, durante a guerra eles faziam muito contrabando de linho, que é um produto inglês. E aí pegaram ele, botaram ele em cana, ele ficou com bronca de sócio dele, porque achava que o sócio tinha que entrar em cana também. Aí ele largou tudo, pegamos um ITA<sup>iii</sup>, que chamavam na época de gaiola. Fomos para Macapá. Ficamos um tempo lá. Depois viajamos para o que era, na época, território de Guaporé, hoje estado de Rondônia. Depois houve uma confusão lá, minha mãe diz uma coisa, meu pai diz outra, eu não sei qual dos dois tem razão. Depois disso tudo a gente veio para o Rio, acredito que eu cheguei aqui com seis anos.

**Antonio Edmilson: Bem criança. Você se lembra de alguma coisa?**

Toninho Nascimento: Eu tenho algumas imagens, mas é mais lá de Rondônia, do Pará mesmo, não me lembro quase nada. Por exemplo, da minha mãe, eu me lembro de uma clareira, acho que provavelmente era um igarapé. Minha mãe era ribeirinha, ela nadava como todo ribeirinho. Então, ela queria me ensinar a nadar igual onça com o filhote, né? Ela me botava aqui nas costas e mergulhava. Essas lembranças são as que eu tenho.

**Antonio Edmilson: Bom, você e sua família moraram em várias regiões aqui no Rio de Janeiro. Você pode falar sobre essas regiões onde você morou?**

Toninho Nascimento: Bom, eu acho que sou o cara que mais mudou. Quando nós chegamos, viemos de avião da FAB.<sup>iv</sup> Aí fomos morar provisoriamente na Gamboa, em cima de um botequim do indivíduo que era casado com a irmã do meu pai, o

cunhado dele. Dali, nós fomos morar na estação de Riachuelo, na rua Vinte e Quatro de Maio. De lá nós viemos morar aqui na Aldeia Campista, na rua Maxwell com Gonzaga Bastos, meu pai tinha um botequim ali. Aí não sei por que tempos depois, a gente foi para Olaria, depois Tomás Coelho. Aí finalmente nós viemos para cá, para a rua Senador Soares. Mas, musicalmente a minha história começa em Mesquita, onde eu conheci, então, o meu parceiro Romildo Bastos.<sup>v</sup>

**Antonio Edmilson: Lembro-me de você na escada da sua casa escrevendo.**

Toninho Nascimento: Não me lembro. Eu sempre gostei, desde criança, de música, porque eu sou da geração do rádio. O pessoal ficava ligado na Rádio Nacional o dia inteiro. Então era música, música, música, música e tal. E então quando eu vim morar aqui foi na época dos festivais. E eu queria, gostava de ouvir. A minha primeira musa foi a Vera. A Vera do Rubens, minha vizinha.

**Antonio Edmilson: Como foi esse começo musical? Nós na rua gostávamos muito do Salgueiro que ensaiava no Clube Maxwell e depois conta um pouco dos seus contatos com os compositores e das confusões na nossa rua.**

Toninho Nascimento: Mas então, musicalmente, quando eu falo que começou lá em Mesquita, começou para valer mesmo... mas aqui quando eu quis começar na música, eu soube que o Salgueiro ensaiava aqui no Maxwell, aí eu fui lá dentro ver se achava algum compositor para ser meu parceiro, mas eu era meio tímido, não sabia como falar com os caras, deixei para lá. O caso do China foi complicado. Eu morava numa casa aqui e o senhorio numa casa colada na minha. Ele vivia xingando a gente que jogava bola na rua, o cara não gostava de barulho. Quem jogasse bola ali perto, ele saía e furava. Na época de São João, íamos ensaiar na vila do Seu Lopes que era o dono da quitanda. Depois do ensaio, o pessoal ficava conversando nas escadas da minha casa e o China não gostava porque falávamos muito alto. Aí o nosso amigo Rubem estava com uma gambiarra que a gente usava para luz ou para o alto-falante, enrolada no braço. Aí o China começou a reclamar e saiu para bater no Rubem, que era muito forte. O Rubem com aquele negócio no braço brincava lembrando o filme da época, "Ben-Hur": "ah, os escravos", ele fingia que era um

“escravo”.<sup>vi</sup> Quando eu vi que o China ia bater no Rubem, eu voltei e fui atrás da minha casa pegar os halteres. Eu fazia halteres com latas de leite Glória; fiz dois halteres. Peguei um deles e joguei nas costas do China. Tudo virou uma confusão pra todo lado. Moral da história: deu polícia. E ele era o dono da minha casa. Mas eu fiz isso para salvar o Rubem, não foi porque eu quis bater no China, não. E aqui, eu fui preso.

**Antonio Edmilson: Você chegou a conviver com os artistas da região, como Silvio Tendler e Aldir Blanc?**

Toninho Nascimento: Não, porque na época por aqui havia muitas turmas e eu ficava na turma da esquina da rua Senador Soares com a rua Araújo Lima e além disso eu tinha pouco tempo para ficar na rua porque comecei a trabalhar com 13 anos, eu só tinha livre o sábado e o domingo.

**Antonio Edmilson: E Luizinho, seu irmão? Luizinho jogava muito bem futebol. Era um jogador ultra elegante, eu sempre falo. Parecia com o Didi.<sup>vii</sup> Aliás, tem aquela fotografia na Livraria Folha Seca do Didi, eu esqueci de tirar uma foto e mandar para o Luizinho, da próxima vez eu vou tirar uma foto e mandar para ele. Mas, ele também embarcou na música?**

Toninho Nascimento: Não, não, não. Ele só ficou no futebol e hoje mora em Rio das Ostras.

**Antonio Edmilson: E me diga uma coisa: como foi a sua formação acadêmica? Você cursou Filosofia, essa formação influenciou suas composições, ajudou a moldar sua visão musical?**

Toninho Nascimento: Não, não contribuiu em nada. Eu cursei filosofia duas vezes. A primeira porque eu queria fazer Letras. Estudei francês para fazer o vestibular. Quando fui me inscrever na UEG para letras era exigido inglês. Aí eu falei: “bom, então o que é que tem pra francês?” Disseram: Filosofia e Direito. Bota Filosofia, faço um ano de Filosofia e me preparo para a prova de inglês e tento Letras. Eu fui



passando, lá na UEG – Universidade do Estado da Guanabara – que hoje é a UERJ que na época era na rua Haddock Lobo na esquina com a rua do Bispo. Mas eu vivia mais no botequim em frente. Quando estourou “Conto de Areia” virei a “estrela da sala”.<sup>viii</sup> E o que aconteceu? Eu já não ligava para o curso, passei a não ligar mesmo. Abandonei no último semestre. Eu não sabia absolutamente nada, não me interessava. Só depois, em 2000, é que eu decidi fazer novamente o curso de Filosofia para responder a perguntas como: “O que é Filosofia? Para que serve Filosofia?” Porque você só pode responder para que serve a Filosofia se você souber o que é Filosofia. Você pode fazer a experiência, pergunta para um professor de Filosofia, seja licenciado, mestre ou doutor: “o que é Filosofia?” Ele vai te dar uma resposta que você não vai entender nada. E se você perguntar “pra que serve?” Ele vai te olhar de cara feia e vai embora.

**Antonio Edmilson: O que a Filosofia representa para você? Em que medida ela tem utilidade, ou talvez um sentido, na vida e na arte?**

Toninho Nascimento: Pois é, para que serve a Filosofia? Tem um cara que é muito famoso. É um barbudo, sei lá. Aí perguntaram isso aí, o que é a filosofia? Ele disse, “bom, eu, antes de fazer Filosofia, eu passei para Medicina. Só que a medicina não me dava as respostas que eu queria. E aí então eu fui para filosofia”. Só que a filosofia não te dá resposta nenhuma. Ela coloca questões, entendeu? Ela não é isso. Não dá resposta, não dá resposta, quando coloca questões, então ele já emenda que dá aula aí, que é famoso, escreve textos e foge pela tangente, depois eu lembro o nome dele, eu vou lembrar.

**Antonio Edmilson: Podemos dizer, então, que você também é de certa forma um aldeão filósofo?**

Toninho Nascimento: Então, eu terminei o bacharelado em Filosofia. Quando voltei para a Uerj a grade era diferente, comecei tudo de novo, mas dessa vez eu pensei: ninguém me respondeu, então eu vou responder sozinho. Teve uma vez, você se lembra dele? O cara mais badalado de Filosofia lá, o professor Ivair. Ele era o *bam-bam-bam*, todo mundo achava o “cara”. Às vezes, na sala, ele perguntava assim: “O

que é Filosofia? Para que serve a Filosofia?” Aí eu pensei: finalmente, alguém vai responder! E ele mesmo disse: “Bom... isso é uma pergunta que não se faz nem pro caminhoneiro!” Aí tem um autor, um cara chamado Jaeger, aquele do *Paideia* — que diz que existem certas expressões que não cabem num verbete; você tem que fazer um histórico sobre elas. É o caso da Filosofia. Então, para entender, você tem que saber como a Filosofia nasceu. Tem uma bibliografia sobre isso. Um dos livros é a *Paideia*, tem também o livro do Marcel Detienne, *Os Mestres da Verdade*, e outro que agora esqueci, *O Pensamento Grego*. Lendo esses, você vai ver como começa o pensamento, Jean-Pierre Vernant também fala disso. Então, ali, você vê como surge a Filosofia, como é que ela nasce. Depois que você entende como ela surge, aí sim você vai definir o que é Filosofia. Cada um vai ter a sua definição.

**Antonio Edmilson: Mas quem te ensinou isso? Os livros ou você?**

Toninho Nascimento: Eu mesmo, lendo.

**Antonio Edmilson: Então você descobriu um caminho.**

Toninho Nascimento: Olha, tem esses livros aqui, você lê e depois você se vira! Se vira! A conclusão é que tinha um cara que era porteiro lá da Casa do Rui Barbosa e o cara era um frasista espetacular. Uma das frases dele é a seguinte: tudo é uma questão de ponto de vista. Mudou o ponto, mudou o ponto de vista.

**Antonio Edmilson: Então, quando você começou a escrever, compor, escrever letras, compor, você teve algum mentor, teve vários parceiros, mentores também, você poderia falar sobre isso? Houve um momento de virada na sua vida, em que você decidiu que a música era a área que você gostaria ter como campo profissional? Quando foi que você decidiu que a composição seria parte do seu caminho? Em que momento você falou: “Vou viver disso”?**

Toninho Nascimento: Bom, eu trabalhava numa farmácia no Engenho Novo. Morava aqui em Aldeia Campista, tinha 13 anos. Ainda não podia assinar a carteira, só com 14 anos era permitido, então eu ajudava minha mãe como podia. Eu ficava

varrendo a calçada e, ao mesmo tempo, já ficava fazendo música. Eu já tinha uns três e poucos anos de experiência, e quando eu ficava parado, o dono vinha: “Ah, meu, agora vai parar aí!” Sempre tive essa inclinação para a letra; eu estudava aqui perto de onde estamos e lembro que tirei o primeiro lugar na redação no Dia das Mães, ou algo assim.

### **Antonio Edmilson: Você estudava onde?**

Toninho Nascimento: Na escola Barão Homem de Melo, eu tirei primeiro lugar em redação. Sempre gostei de escrever e de ler, na época havia muitos jornais; eu gostava muito de ler o jornal *Última Hora*, que tinha textos de Vinícius de Moraes, Antônio Maria, tudo muito bem escrito. Também havia muitos escritores e poetas contribuindo na imprensa e na literatura de modo geral. Acho que o Nelson Rodrigues escrevia na *Última Hora*.<sup>ix</sup> Então, eu comecei com essa ligação literária e, depois, com a música, quando estourou o Jorge Ben, com “Por causa de você, menina”.

### **Antonio Edmilson: Então, você começou a compor bem jovem com a vassoura na mão...**

Toninho Nascimento: É, afinal, a ligação literária, né? Musicalmente, comecei a despertar ouvindo muito as músicas dos festivais do Edu Lobo, (José Carlos) Capinam, aqueles parceiros do Guarnieri. Quando fui morar em Mesquita, conheci muitos sambistas na casa de um amigo como o João do Violão com quem ele fazia músicas. Numa dessas vezes conheci o Romildo Bastos, que ia entrar para a Portela. Naquela época, para entrar na ala dos compositores de uma escola, você tinha que passar por um concurso, até o terceiro lugar você passava. Ele passou e foi pedir para o João do Violão acompanhá-lo. Quando ouvi a voz dele cantando, pensei: “Esse cara aqui eu quero que seja meu parceiro, quero fazer umas letras diferentes”. Não era bem samba, eu não sou sambista, sou compositor. Então começamos a fazer músicas juntos. Quando você começa a compor, já pensa em gravar; cria um ritual, quer mostrar suas músicas para alguém. Na cidade, na rua 13 de Maio, entre a rua Evaristo da Veiga e a rua Almirante Barroso, havia o ponto

dos compositores. O pessoal de samba se reunia ali, não eram só compositores, tinha intérpretes, passistas e ritmistas. Às sextas-feiras, principalmente, os compositores saíam cantando nas rodas de sambas, não era canja, não, eles viviam disso mesmo. Pegavam duzentos aqui, duzentos ali, faziam um salário, abandonaram o emprego e viviam só disso: cantar e receber. Esse périplo terminava no programa do Adelzon Alves.<sup>x</sup> Uma vez, eu e o Romildo Bastos fomos lá, na cara de pau. Tínhamos uma música “Conto de Areia”. Romildo tomou coragem e mostrou para a Clara Nunes, que estava também no programa do Adelzon, aí ele pegou o agogô do Stênio, do conjunto “Nosso Samba”, e cantou para ela.<sup>xi</sup> Ela, então, gostou e disse que ia gravar.

**Antonio Edmilson: E começou aí a sua relação com a Clara Nunes?**

Toninho Nascimento: Começou aí com essa música, profissionalmente começou com a Clara Nunes.

**Antonio Edmilson: Essa foi a virada?**

Toninho Nascimento: Foi aí, com a Clara Nunes justamente, e com “Conto de Areia”.<sup>xii</sup>

**Antonio Edmilson: E o impacto da morte dela para você?**

Toninho Nascimento: Foi um pouco diluído, porque o pessoal já esperava. Ela estava internada e todo mundo já sabia. Mas mesmo quando chegou o dia, foi muito grande o impacto. Eu fui ao velório dela que foi na Portela e fiquei no palco onde estava o corpo; em Madureira você não podia nem andar. Era difícil chegar na hoje rua Clara Nunes, lá na Portela, não dava. Eu consegui chegar até embaixo do palco. Aí me reconheceram, me puxaram. E eu vi aquela gritaria toda, foi um negócio esquisito pra caramba.

**Antonio Edmilson: Então, você disse certa vez que era um autor com cara de anônimo. Você pode falar dessa fase? E complementa com a imagem de sua**

**primeira apresentação pública cantando essas composições? E como foi essa percepção inicial para você? Como você se sentiu?**

Toninho Nascimento: É, porque inicialmente eu era muito tímido. Aí depois eu fui perdendo a vergonha. Exatamente. Porque encarar uma plateia assim... não é mole. É, não é. Agora não, agora eu tiro de letra.

**Antonio Edmilson: Isso tudo aconteceu antes da sua passagem na antiga área do chamado “baixo meretrício”?**

Toninho Nascimento: Isso começou ali com “Conto de Areia” Foi lá que eu conheci o Flávio Moreira,<sup>xiii</sup> ele namorava a Zezé. Zezé tinha uma pensão lá na Zona, muitos compositores frequentavam a casa, porque ela fazia pensão para aquela população que morava ali, que eram as prostitutas, a polícia, o cafetão, o bandido, e tinha também compositor de samba.

**Antonio Edmilson: Ficava onde?**

Toninho Nascimento: Tinha a Zona Um e a Zona Dois. A Zona Um, a original, ficava na rua Pinto de Azevedo indo até a rua Marquês de Sapucaí. Aí começaram a desapropriar aquelas casas para as obras do Metrô. Mas muitas moradoras foram ficando. Então foi uma mistura. E as casas desocupadas e lojas passaram a se tornar “puteiros”. E aí a Zezé foi e construiu o seu na rua Dr. Ezequiel, que é a última rua antes de chegar à quadra da São Clemente.

**Antonio Edmilson: E lá tinha a roda de samba?**

Toninho Nascimento: Dentro da casa dela, o pessoal ia lá, bebia, cantava, tudo... ninguém bebia água, não estou exagerando, ninguém bebia água. E o interessante é que você podia chegar a qualquer hora: duas, três da manhã, batia lá e entrava. Só que era assim: você chegava com cerveja e sempre macarrão e salsicha, que é mais fácil de fazer. Então, era samba o dia todo, 24 horas. Lá também surgiram muitas músicas compostas nesses encontros.

**Antonio Edmilson: Então as pessoas também compunham lá?**

Toninho Nascimento: Tem uma música chamada “Casa da Zezé”, que quem gravou foi a Elizete Cardoso.<sup>xiv</sup>

**Antonio Edmilson: Na casa dela, não se podia falar coisa indecente? Só coisa séria?**

Toninho Nascimento: Dentro da casa dela não podia falar nada de sacanagem, lá era um negócio de respeito absoluto. E tem uma coisa interessante: quem frequentava a casa da Zezé era o Beto Sem Braço, que estava sempre lá, o Almir Guineto, Noca, vários outros, o Roberto Ribeiro. Eu encontrei lá uma vez a Nália, que foi a primeira mulher do Martinho.<sup>xv</sup> Ali era um lugar onde rolavam várias composições, nomes que vou citar, mas ninguém vai se lembrar, que eram ligados ao pessoal da escola de samba. Aí eu resolvi fazer meu aniversário lá, devia ter uns 27, 28, 29 anos, por aí. Como eu não gosto de falar “prostituta”, porque tenho o maior carinho e respeito pelas pessoas e pelos lugares, eu saí convidando todo mundo para ir dizendo: “Haverá meu aniversário.” A casa tinha uma sala e, lá no fundo, um quintal. Quando eu cheguei lá à noite, fui ajeitar tudo. Na hora da festa, vi que estava cheio de gente. Eu estava, na época, fazendo faculdade na UEG, na Haddock Lobo foi uma porção de gente para lá, para a Zona. Fui com a minha mulher da época e foi muito interessante, mas quando cheguei, não vi nenhuma das mulheres que eu tinha convidado. Perguntei: ‘Cadê as meninas que eu convidei?’ A minha mulher falou: ‘Pô, estão todas lá atrás.’ Elas se segregavam, achavam que ia pegar mal ficar no meio da festa. Aí eu fui lá e disse: ‘O que vocês estão fazendo aqui? Todo mundo está lá, todo mundo está junto!’ Minha mulher trabalhava na Helena Rubinstein (Laboratório de Cosméticos), que ficava ali em São Cristóvão, perto da Avenida Brasil, na rua Bela e se divertiu.

**Antonio Edmilson: E como foi a estória com a sua companheira?**

Toninho Nascimento: Uma das meninas puxou conversa com a minha mulher e

perguntou onde ela trabalhava achando que ela era do meio: ‘Você trabalha longe?’ ‘Você trabalha ali na rua Bela, perto da (Avenida) Brasil, mas lá dá (dinheiro)?’” Aí, Zezé disse: “Não, não, não, essa é a mulher do Toninho.” Teve uma delas que ia para lá e esquecia do trabalho, ficava contando histórias e tal, e as cafetinas proibiram que elas fossem lá. Uma vez, no passado, uma delas chegou e perguntou: “Você não quer ser meu cafetão?” O problema é o seguinte: eu tinha fama de malandro. Entendeu? Eu não era malandro, mas vivia no meio da malandragem. E eu não queria perder a fama. Aí eu falei: “Tudo bem, mas quanto você me dá por semana?” Ela perguntou: “Quanto você quer?” Eu pedi um preço absurdo, absurdo mesmo. Para ela não aceitar mesmo, e ela disse: “Se quiser, eu vou pensar.” Daqui a pouco, ela voltou, e disse: “Tudo bem, pega ali”. Acho que o nome dela era Sônia. Bom, aí eu pensei, pois eu trabalhava no IPEA<sup>xvi</sup> nessa época, já tinha a música estourada, “Conto de Areia” e “Canto dos Orixás”<sup>xvii</sup>, e respondi: “Vamos ser amigos, não quero ser seu cafetão não”.

**Antonio Edmilson: Então, me fala, você falou das meninas, da casa da Zezé, e das suas companheiras de vida?**

Toninho Nascimento: Olha, eu sempre fui apaixonado, vivi a minha vida toda apaixonado. Quando a gente foi para o Amapá, ou para Rondônia, tinha uma menina por quem me apaixonei na viagem. Aqui no Rio, quando fui fazer o primário, na Escola Bolívia, na Estação de Riachuelo, a primeira mulher que me lembro foi a Tânia. No primeiro ano do primário, eu me apaixonei pela Tânia. No segundo ano, tinha a Maria Helena; no terceiro, a Marilena; depois outra Marilena, não me lembro o sobrenome. Quando chegou no quarto ano, as quatro estavam na mesma sala, então eu estava apaixonado pelas quatro. Fui passando pelos anos, chegando em novas fases. A primeira musa mesmo foi a Vera, minha vizinha e irmã do meu amigo Rubem. Ela era uma menina ótima, bonita, e depois nós namoramos. Quando comecei na música, conheci, na casa da Zezé, a namorada do Flávio Moreira. Mas também havia uma menina que estudava comigo na UERJ, esqueci o nome dela agora, que era de um negócio lá, e a secretária dela, a Carmen, filha de um grego. Elas passaram a frequentar a casa da Zezé, e eu comecei a namorar a Carmen. Cada namorada que eu tinha e terminava, acabava virando um tema de

samba. E eu gostava, porque além do amor, ainda ganhava dinheiro!

**Antonio Edmilson: Mas as músicas falavam de desilusão?**

Toninho Nascimento: Que nada, desilusão não tinha, não. Era tudo na euforia, coisa boa, pra cima. Tanto que o Agepê acabou gravando. Olha só: um dia eu fui ao Clube Piraquê. No Samba Humorístico da Portela, conheci uma morena, cor da Bahia... na hora eu vi a Gabriela nela. Combinamos: “Vamos nos encontrar no Piraquê?” Beleza. Aí, na ida, parei o carro bem em frente à Cruzada São Sebastião. Tinha um cara sentado. Perguntei: “Parceiro, onde fica o Piraquê?” O sujeito começou a falar de TV, de não sei o quê... quando virei, pimba: fui assaltado por ele. E eu pedi ao cara um troco “pra ver as grandes”. Me deu até a passagem, olha que loucura. Mas, quer saber? Transformei aquilo em samba. Botei na letra: “Morena, morena, cor da Bahia...”. O Agepê gravou. Naquela noite eu perdi a grana, mas ganhei os direitos autorais.<sup>xviii</sup>

**Antonio Edmilson: De que jeito a entrada na vida profissional (direitos autorais, grana, rotina) alterou aquela emoção inicial de ouvir suas canções na rua?**

Toninho Nascimento: A primeira emoção foi com “Conto de Areia”. Você não pode imaginar. Em qualquer lugar que eu chegava, escutava. Aqui mesmo, a gente tinha chegado e ficamos cantando. Então, essa emoção não se compara com nada.

**Antonio Edmilson: Como foi sua entrada no universo dos sambas-enredo da Portela e como funcionam, na prática, essas disputas?**

Toninho Nascimento: Bom, nós temos que levar em consideração que é outro mundo. Quando eu falei com o Romildo Bastos, ele estava mostrando a música para o João do Violão, tentando entrar na Ala dos Compositores e foi uma dureza para entrar na Portela. A primeira vez que eu fui foi com o Romildo que tinha entrado na ala da Portela. Cheguei lá e era diferente: tinha a Vicentina, tinha uma roda de samba e, em cima, os retratos de todos os compositores da época, incluindo os da Velha Guarda. Quando eu vi aquele negócio, virei portelense no ato,



aquele ambiente, aquele clima, tudo azul e branco. Você se apaixona pelas cores. Portela você lembra logo de azul e branco, no meu caso. E, quando você chegava a ser compositor, era o máximo. E quando você ia para a escola de samba, naquela época, uma coisa que tinha que fazer era o que eles chamam de samba de quadra ou então samba-enredo. Comecei a disputar samba-enredo. Isso faz parte do ritual de ser compositor. Como funciona a disputa: você se inscreve, sai a sinopse, o tema; então várias parcerias, cada compositor faz um samba e canta o dele. Formalmente tem um júri para escolher, mas não é bem assim. Tem coisas por trás: o júri não apita absolutamente nada, o presidente é quem escolhe, é o que ele achar e tal. Eu disputei poucos sambas-enredo. Na Portela em 1981, eu, Carlito Cavalcante, e Romildo fizemos o samba, era o samba para ganhar. Foi o ano do “Bumbum baticundum”. A Portela... o Carlinhos Maracanã fez uma jogada lá, fomos cortados antes da final. E era o samba que a escola estava querendo. A Portela perdeu para o Império por um ponto, perdeu ponto no samba-enredo. O pessoal diz que se o meu samba tivesse na época, a Portela teria sido campeã. O samba-enredo era “Meu Brasil Brasileiro”. Aí eu fiquei por conta e saí. Eu morava na rua Torres Homem, perto da Praça Sete. Conhecia todo mundo da Vila Isabel; entrei para a Vila Isabel, é branco e azul (no estatuto: azul e branco). Chegou na disputa, também ia ganhar, “era a Vila, põe o ovo e mostra às claras”, um negócio assim. Mas o Mariaco, dono da boca de fumo lá do morro, escolheu outro samba, o Samba do Morro. O samba era ruim. Muito ruim. Abandonei. Continuei indo à Vila porque vivia ali. Anos depois, eu estava na casa do Noca e comecei a fazer música com ele na Portela. No domingo, ele falou: “aproveita uma feijoada lá, você não quer voltar pra Portela, não?” “Quero!” Voltei. Comecei a disputar samba-enredo com Luiz Carlos Máximo, Toninho Geraes, Luiz Carlos Matos e Wanderlei Monteiro, em 2007.<sup>xix</sup> O samba quase chegou lá. Em 2010, ganhei também, na realidade, foram quatro, mas pegou fogo no barracão, lembra? Em 2010, graças a Deus meu nome não está lá, porque o samba era ruim. O Jucinho que morreu há pouco tempo, a melodia é dele; era pagode. Meu nome não está porque só podia escrever cinco; fui o último na parceria. Em 2011, ganhei com “É uma reza, feita uma reza, um ritual.” Em 2012, novamente com a homenagem ao Paulinho da Viola. Em 2014, com “Do Cais do Valongo à Glória de São Sebastião”, foi o tri. Depois saímos também. Fomos disputar na São Clemente. Ganhamos. Aí eu fiquei; não queria mais saber de

samba-enredo. Me afastei da Portela, muito longe daqui para lá. Mas voltei agora porque fui convidado para participar da Velha Guarda Show.

**Antonio Edmilson: Suas canções permanecem no ouvido do público, mas poucos te identificam como autor. Como você pensa esse paradoxo de ser compositor de muitas canções famosas e, ainda assim, pouca gente saber que foi você que escreveu?**

Toninho Nascimento: Bom, isso daí é histórico, essa questão do anonimato do compositor. Quando o compositor é cantor, aí ele é conhecido, mas quando é só compositor, você não vai saber quem é. De certo modo incomoda bastante. Aí já com a questão do... a questão do ego mesmo, do artístico. “Essa música minha, ninguém sabe que eu”, e tal. E mesmo agora, eu não sou muito conhecido. Eu nunca gravei. Eu vi no dia em que nós estávamos no Samba do Peixe no Alpha Bar o próprio Chico Alves, meu parceiro, apresenta o “Conto de Areia”, dizendo que o público ia ouvir um samba de quem ninguém conhece o autor e aí todos viram que era eu e aplaudiram. Um exemplo legal para isso é o caso do Toninho Geraes que fez a música “Mulheres”, mas que todos acham que a música é do Martinho da Vila porque foi ele que gravou. Então tem isso daí de compositor. Quer dizer, ... não me incomoda mais.

**Antonio Edmilson: Comparando com o Rio, como você sentiu a recepção do samba em São Paulo?**

Toninho Nascimento: São Paulo gosta mais de samba do que o Rio. Eles reverenciam o samba e os compositores de uma tal maneira que você fica assim: “poxa, eles gostam mesmo de samba”. Eles sabem músicas que eu não me lembro mais, mas não só eu não, qualquer um que vai para lá eles sabem as letras. Aqui não, aqui no Rio é diferente, não é só em relação a mim não.

**Antonio Edmilson: Hoje, olhando para as rodas de samba do Rio e para essas novas formas de tocar, do surdo tradicional até o tantã, o repique de mão e o pagode, como você enxerga essa passagem de uma geração para outra no**

## **samba? Dá para dizer que existe um fio que liga o samba antigo a esse samba mais leve de hoje?**

Toninho Nascimento: Cada época tem um gosto, mas eu tenho uma ideia sobre isso. A questão das gerações, cada geração tem uma percepção estética, vamos dizer assim. Então é antiga e a nova se liga porque há um subconjunto que as liga. Então você pode ver uma pessoa que gosta de sambas antigos, mas que gosta dos sambas atuais, o cara gosta da Elis Regina e da Anitta. Tem isso, porque é um subconjunto, é aquele que liga o antigo. Desde que eu comecei com a música, já havia a transformação no samba. Por exemplo, os cantores, eles buscavam seus sucessos nas escolas de samba, o Samba de Quadra, que chamava.<sup>xx</sup> Então, "Ai quantas lágrimas, eu tenho o derramado" da Portela é um Samba de Quadra, os cantores iam lá para ouvir. Com o evento do Cacique, mudou a concepção de samba.<sup>xxi</sup> Por quê? Porque no samba tradicional, a marcação é no surdo. Eu acho que o surdo não pode ser tocado sentado. E na roda de samba do cacique, eles inventaram o samba de mesa, eu acho que pra facilitar eles começaram a substituir o surdo pelo tantã, porque era usado muito em macumba, só tinha macumbeiro lá, aquele pessoal todo macumbeiro. Porque esse tantão era muito usado. O atabaque entrou. O Ubirany foi e criou o repique de mão.<sup>xxii</sup> Então tem o conteúdo. E isso daí tirou o samba do chão, ficou um samba mais leve, mais acelerado. Se você escutar as melodias do Arlindo Cruz e escutar as do Paulinho da Viola, você vai ver a diferença no andamento, porque um tem essa questão do surdo e o outro é o mais leve. Essa tirada do samba do surdo ensejou o surgimento do pagode. Na escola de samba você tem o surdo de primeira que faz isso. O surdo de segunda que faz a resposta. E tem um surdo de terceira que também faz. Só que no pagode não usa mais esse samba. Você vai ver um cara tocando nesse projeto. Tirou do chão. É o que está valendo agora. Isso aí criou essa nova concepção que o pessoal gosta. Então, agora vai, não sei. A minha neta, por exemplo, ela gosta dos meus sambas.

## **Antonio Edmilson: Mas quais as rodas de samba, os lugares que você tem frequentado? Você viu alguma diferença no passado?**

Toninho Nascimento: Atualmente eu só vou em rodas de samba que tocam esses

sambas que eu gosto. Tem uma outra questão aí: antes as pessoas iam para o samba para curtir o samba; agora virou point. O cara tá tocando e o pessoal nem liga.

**Antonio Edmilson: Você costuma dizer que São Paulo reverencia o samba. Quais bairros e rodas simbolizam isso por lá?**

Toninho Nascimento: A Barra Funda é um dos lugares típicos. É o samba tradicional. Lá em São Paulo, em outro bairro, tem um samba chamado Samba da Vela. Samba da Vela é um negócio muito legal, que só canta samba inédito. Tem hora para terminar: eles acendem uma vela, quando acendem a vela o samba começa, quando a vela termina, acaba o samba. Não pode acender outra vela. E é famoso.

**Antonio Edmilson: Você tem a sua origem paraense, você veio muito criança para cá, mas ao mesmo tempo guarda lembranças, memórias, viveu na casa da sua família, comeu comidas da região amazônica. Isso em algum momento impactou, contribuiu com a sua formação musical? Como é que você trouxe isso para as letras? A gente estava até falando da Clara Nunes, dos rios, das águas... isso aparece ou não tem nada a ver?**

Toninho Nascimento: Sobre Belém, eu tenho a influência de lá. Agora, é um negócio que ficou dentro da minha memória. Eu tenho borrões de lembranças. Eu contei a história da minha mãe, que ela mergulhava comigo nas águas de lá. A gente morava num lugar, não sei se era onde o Luisinho nasceu, lá no Guaporé. A casa, o quintal, era um puxadinho da mata amazônica. Tinha uma senhora que pedia para eu levar a marmita para o marido dela. Isso ficou dentro de mim. Eu lembro disso. Eu entrava, tinha um caminho. Tinha flores, o resto era mato. Daqui a pouco abria uma clareira onde tinha a olaria, onde faziam as telhas, os tijolos e tal. Eu gostava de ir porque era um passeio lindo, e aquele cheiro, aquele perfume, nunca me saiu da cabeça. Então, isso fica. Outra coisa: era uma região distante da cidade, não tinha energia elétrica, era lamparina. Quando meu irmão nasceu, a gente morava numa casa grande. Ela tinha um porão, uma escadinha, era a cozinha, e depois vinha o terreiro. Mamãe estava no quarto, chamaram a parteira, não tinha luz, era uma

lamparina. Eu, em casa, e diziam: “fica lá no terreiro olhando que a cegonha vai trazer teu irmão”. Quando passei pelo quarto, estava escuro; eu só via aquela chama. Associo isso. Daqui a pouco fiquei lá no meu canto, e disseram: “já veio, a cegonha trouxe”. Eu fiquei olhando... ela não apareceu; ela veio pela frente, andando. Eu não engoli, não, até hoje eu não engoli. Então, isso fica.

**Antonio Edmilson: Mas você tem um sotaque que em algumas coisas lembra o Pará, como as palavras: “banana” e “caminho”. De alguma forma essas lembranças de infância contribuíram na escrita das suas composições?**

Toninho Nascimento: Tem o sotaque também ainda na minha fala em palavras como banana, caminho. Mas as minhas lembranças de infância têm ligação com as minhas músicas também, com as minhas memórias. Eu compus a música “Menino Velho”: “na peneira de Sabrina, vi minha casa de barro, com a luz da parafina, tremelicano no jarro”.<sup>xxiii</sup> Mas, a primeira música que fiz com o Romildo é “Aroeira”, que é assim:

*“Ê aroeira já secou Ê aroeira já secou Ê aroeira, ê aroeira já secou Ê aroeira já secou De dedo colado não fio De peito pregado nem pio Calado num tal desafio Debaixo do meu cobertor Tem folha quebrando no mato É piso de pato ou sapato Tem cheiro de Juca Mulato E o meu candeeiro apagou De olho pregado no passo.”*

Quer dizer, isso daí são lembranças minhas de lá, assim. E aí, há alguns anos, o Toninho Geraes me deu uma melodia, para eu botar letra, e era de samba. Aí eu escrevi “Aquarela da Amazônia”, quem gravou foi a Mariene de Castro, mas não toca nas rádios.<sup>xxiv</sup>

(Ele canta)

*“Tá por aí sambando sobre o chão das pororocas o bloco que saiu de alguma toca pra colorir a vida com a cor do urucum baticum que ruge dos tambores e maracas espanta a solidão e a jararaca desperta e dá o bote dá pra ouvir o agito no vapor de Altamira que segue em frente enquanto a roda gira na correnteza forte nos seringais o uirapuru encanta como sempre faz e conta que o boto é só um rapaz que ilude o coração da rapariga e nada mais o cururu namora sob as folhas do cupuaçu que vai crescendo e seca até poder servir de cuia pro tupi o curupira zanza a mata inteira depois sobe pra ribeira e molha os pés nas águas dos igarapés Matinta Pereira acorda cedo pra cantar*

*junto com o vento e espalhar o medo Oxumaré tem tanta joia rara que dá seus olhos de prata pra enfeitar lara e quando a noite vara a madrugada se desfaz toda orvalhada em manhãs tingidas de anil só quem samba aqui é que entende porque foi que Chico Mendes amou esse Brasil”*

Então, aí, são lembranças totalmente em cima das coisas do Norte. As histórias que a minha mãe e minha avó ficavam contando para gente dormir, não tinha televisão, então ela ficava contando aquelas histórias de bruxas, das lendas, de Matinta Pereira... então tá tudo aí. São essas as histórias que a minha mãe e minha avó contavam.

**Antonio Edmilson: É sobre o seu processo criativo. Como é o método de trabalho? Tem um método?**

Toninho Nascimento: O problema é o seguinte: tem vários processos. Por exemplo, tem samba-enredo que tem refrão e tem samba que não tem refrão. Nós revolucionamos o samba, o primeiro lá em 2011, porque nós temos três refrões, ninguém tinha colocado até então. Por que qual é a regra do samba-enredo? Não há regra. A regra é que não há regra. Na composição é a mesma coisa: não há regra. Às vezes dá vontade de fazer um samba. Às vezes você tem um parceiro que faz a letra, outro a melodia. Wilson Moreira, parceiro do Nei Lopes, era assim também. Botar uma letra em melodia é a coisa mais fácil.<sup>xxv</sup> O difícil é colocar uma boa melodia numa letra. É o caso deles, que são excelentes. Romildo era especialista em botar melodia na letra. Wilson Moreira fazia isso também, mas fazia música sozinho também, letra e música, entendeu?

**Antonio Edmilson: Mas isso é coisa da profissionalização? Ou é natural? É natural de quem é compositor?**

Toninho Nascimento: Eu digo: acho que sim. Chico Alves diz: vamos fazer um samba? Eu falei: “vamos embora”. Aí eu fui lá na casa dele. Por exemplo, essa música que você gosta, “Águas de Oya”, que você ouviu no Alpha Bar no Samba do André Diniz, o Chico estava fora do Rio.<sup>xxvi</sup> Aí ele mandou uma melodia para mim e falou assim: “Olha só, se você achar um tema aí, você bota essa melodia.” Eu ouvi a

melodia e já deu a letra A melodia me deu a letra porque como diz o Cláudio César Pinheiro a melodia põe a palavra na tua boca, entendeu?

**Antonio Edmilson: De que jeito os Orixás (Iansã, Oxum, Obá) e aquelas leituras te conduziram à letra de “Águas de Oyá?”**

Toninho Nascimento: Há muito tempo, eu estava na casa de um amigo em Laranjeiras, e do lado tinha um terreno. Começou a chover. Eu tinha comprado uns livros sobre os Orixás, cada um sobre um Orixá, era uma coleção. Aí começou a ventar. Eu olhei, as águas batendo, aquele barulho. Eu chamei atenção: “olha Iansã aqui”. Se você ouviu o toque de Iansã, ela sugere isso. Oxum é uma água tranquila, tranquila. E Obá... Obá, olha só: isso é interpretação minha, mas eu acho que ela tá tão na cara que Obá, ela, Xangô, é a primeira mulher de Xangô. Mas ele não a procurava mais porque ela era infértil, ela não podia ter mais filhos. Então, para mim, Obá é um rio seco. Porque é o espaço da água que o sol bate e não gera nada. Então vêm as nuvens, aí forma, vira chuva. O sol vai incidir ali e não vai gerar nada. Tanto que, na mitologia grega, existe o Zeus, que é o Sol, e existe o arqueiro de Deus, que é Apolo. E o que é o arqueiro de Deus? São os raios, as setas. É só ler a *Odisseia*.

(Ele canta)

*“O vento rodopia no coqueiro Que dá sombra no terreiro E a palha de Obaluayê... ê  
Ecoa o som do toque dos tambores Que consagram seus louvores Pra quem mostra o  
seu poder Relampiou Todo o céu agora é o seu gongá Relampiou As flechas do seu  
olhar Onde é que você mora ? - No tempo Como você vem, Senhora ? - No vento O que  
vem fazer agora? - Chover”*

**Antonio Edmilson: Então, assim, você teria alguma mensagem para dar para essas novas gerações de compositores, e letristas, enfim, pesquisadores também da cultura musical? Teriam algum recado?**

Toninho Nascimento: Olha só, eu nunca pensei que iam acontecer tantas coisas na minha vida. Depois de ser convidado para ir para a Velha Guarda Show, talvez nunca mais me chamem para outras coisas. Então, é isso: as coisas acontecem.

Segue no caminho.

**Antonio Edmilson: Quem fez o contato para você sair em turnê com a Velha Guarda Show e o que passou pela sua cabeça?**

Toninho Nascimento: Foi o Serginho Procópio, que ficou no lugar do Monarco, que comanda. Então, ele me telefonou. Ele disse: "Olha, vou fazer um convite, você não pode dizer que não". Você jamais diria que não para Monarco. Então, agora a gente vai para Paracambi, depois para Macaé, e depois para outro lugar aí. São três lugares. A gente já foi para Valença.

O que eu posso dizer para os mais jovens é o seguinte: Agora é entender por onde entrar no meio e como se firmar... afinal, tudo é possível até o impossível.

**Antonio Edmilson: Antonio, meu amigo aldeão, muito obrigado pela entrevista.**



## Notas

---

<sup>i</sup> Aldeia Campista é uma região tradicional da zona norte do Rio de Janeiro, localizada entre os bairros da Tijuca, Vila Isabel e Maracanã, apesar do nome não apareça mais oficialmente nos mapas da cidade, o nome continua sendo usado pelos moradores mais antigos, especialmente a região que engloba a ruas Maxwell, Uruguai, Gonzaga Bastos e Senador Soares. Entre 1950 e 1970, o local foi ponto de encontro de músicos, sambistas e intelectuais ligados às escolas de samba Vila Isabel e Portela.

<sup>ii</sup> Manuel da Silva Abreu, popularmente conhecido como Zica, era o dono do famoso Bar Flórida, que ficava no térreo do edifício “A Noite” na Praça Mauá. Zica foi estivador e motorista de táxi, antes de construir o Bar Flórida, ponto de encontro de muitos artistas que trabalhavam na Rádio Nacional, também frequentado por prostitutas, estivadores e marinheiros. Devido a sua fama ligada à contravenção, Zica recebeu a alcunha de “Rei da Praça Mauá”.

<sup>iii</sup> Navios de cabotagem que faziam a navegação entre o Norte e o Sul do País. Em 1993, a Acadêmicos do Salgueiro foi campeã com o samba-enredo “Peguei um Ita no Norte”.

<sup>iv</sup> A Força Aérea Brasileira (FAB), criada em 1941 durante o Estado Novo de Vargas, realizava também prestar apoio logístico a populações deslocadas ou em viagens de necessidade, como a família de Toninho Nascimento.

<sup>v</sup> Romildo Bastos (1941-1990) foi compositor pernambucano radicado no Rio de Janeiro, e integrante da ala de compositores da Mocidade Independente de Padre Miguel. Foi parceiro de Toninho Nascimento, criou clássicos como “Conto de Areia” e “A Deusa dos Orixás”, entre outras composições.

<sup>vi</sup> *Ben-Hur*, filme norte-americano de 1959, vencedor de 11 Oscars, que conta a história Judah Ben-Hur, um príncipe judeu injustamente acusado de traição por seu amigo de infância, o oficial romano Messala.

<sup>vii</sup> Waldyr Pereira (1928-2001), conhecido como Didi, foi um dos maiores craques da história do futebol brasileiro, responsável por criar o famoso “folha seca”, um chute de bola parada com trajetória curva e queda repentina, que se tornaria a marca registrada de grandes cobradores de falta.

<sup>viii</sup> Com letra de Toninho Nascimento e melodia de Romildo Bastos, “Conto de Areia”, lançada em 1974, tornou-se um dos maiores sucessos da música popular brasileira dos anos 1970 na voz da cantora mineira Clara Nunes.

<sup>ix</sup> *Última hora* foi um periódico carioca criado pelo jornalista Samuel Wainer, que circulou entre 1951 e 1991.

<sup>x</sup> Adelzon Alves, nascido em 1939, é radialista e produtor musical, reconhecido por valorizar a música popular brasileira, especialmente o samba, por meio de seus programas de rádio, tais como “Amigo da Madrugada”, criado em 1966 na Rádio Globo. Como notório articulador cultural, abriu espaço para muitos compositores e intérpretes das comunidades cariocas, ajudando a divulgar nomes que se tornaram famosos, a exemplo de Clara Nunes, Paulinho da Viola e Dona Ivone Lara, entre outros.

<sup>xi</sup> Criado por músicos da Portela e de outras escolas de samba, o grupo “Nosso Samba” ficou conhecido por difundir o samba tradicional carioca em rádios, discos e programas de televisão na década de 1960.

<sup>xii</sup> Clara Francisca Gonçalves Pinheiro (1942-1983), mais conhecida como Clara Nunes, foi uma das maiores cantoras da música popular brasileira, assim como um dos principais nomes femininos do samba. Nascida em Paraopeba (MG), iniciou a carreira em programas de rádio locais ainda bem jovem, logo depois mudou-se para o Rio de Janeiro, onde iniciou sua carreira profissional na década de 1960. A carreira de Toninho Nascimento ganhou projeção com a gravação de “Conto de Areia” por Clara Nunes, em 1974, uma das composições que integra o álbum *Alvorecer*.

<sup>xiii</sup> Flávio Moreira é um compositor e cantor de samba do Rio de Janeiro, participa do universo do samba de raiz e das rodas de samba.

<sup>xiv</sup> Elizeth Moreira Cardoso (1920-1990), popularmente conhecida como Elizeth Cardoso, carinhosamente chamada de “A Divina” pelos seus inúmeros fãs, foi uma das maiores intérpretes da música popular brasileira, é reconhecida pela versatilidade ao interpretar diversos gêneros como samba, choro, seresta e música romântica. A música “Casa de Zezé”, composta por Flávio Moreira e Clóvis de Ávila, interpretada na voz de Elizeth Cardoso, revela bem o ambiente boêmio e afetivo das rodas de samba cariocas da época: *“Deixei o meu violão. O meu chinelo. E o meu chapéu de marmelo. E voltei pra casa a pé. O samba acalentou a madrugada. Que se embalou na calçada”*. Disponível em: <https://youtu.be/IFjdu2RcTuU?si=vBQoXKwSnLtTPdaO> Acesso em: 11 nov. 2025.

<sup>xv</sup> Beto Sem Braço (1940-1993), apelido de Alberto Lonato, foi compositor e sambista carioca, parceiro em várias músicas de Almir Guineto e Zeca Pagodinho. É autor de clássicos como “Vou Festejar”, imortalizado na voz de Beth Carvalho. Almir Guineto (1946-2017) foi um dos fundadores do Fundo de Quintal e autor de sucessos como “Caxambu”, “Mel na Boca” e “Insensato Destino”. Noca da Portela (1932), apelido de Oswaldo Alves Pereira, é cantor e compositor, integrante histórico da Portela, possui mais de 400 músicas gravadas, tais como “Vai Vadiar” e “Amanhã é Domingo”. Roberto Ribeiro (1940-1996) foi cantor, compositor e ex-jogador de futebol; gravou clássicos como “Amei Demais”, “Estrela de Madureira” e “Todo Menino é um Rei”. Martinho José Ferreira, o Martinho da Vila (1938), é um dos ícones do samba de enredo e do samba de raiz, com sucessos como “Canta, Canta, Minha Gente”, “Casa de Bamba” e “Mulheres”.

<sup>xvi</sup> Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

<sup>xvii</sup> Trata-se da canção “A deusa dos Orixás” composta por Toninho Nascimento e Romildo Bastos, interpretada por Clara Nunes, integra o álbum *Claridade* lançado em 1975. A música aborda elementos da espiritualidade e religiosidade afro-brasileira, evocando orixás e símbolos da cultura de matriz africana no Brasil, com trechos como “Mas, lansã, cadê Ogum? Foi pro mar.”

<sup>xviii</sup> Antonio Gilson Porfírio, conhecido como Agepê (1942-1995), foi cantor e compositor brasileiro. O LP *Deixa Eu Te Amar* (1982) vendeu mais de 1 milhão de cópias, projetando-o para além do circuito das escolas de samba. A música citada por Toninho Nascimento na entrevista é “Morena da Cor da Bahia”, composta por ele e Romildo Bastos, e foi gravada por Agepê em 1977 para o LP *Agepê*.

<sup>xix</sup> Luiz Carlos Máximo é compositor/letrista carioca ligado à Mangueira e Portela; parceiro frequente em sambas-enredo. Toninho Geraes é cantor e compositor mineiro radicado no Rio; autor gravado por Zeca Pagodinho e Martinho da Vila, é destaque do samba contemporâneo e das disputas de enredo; Wanderley Monteiro é compositor, cavaquinista e sambista carioca, se tornou um dos maiores vencedores de sambas-enredo da Portela.

<sup>xx</sup> Também conhecido como Samba de Terreiro.

<sup>xxi</sup> Fundado formalmente em 1961 por jovens do bairro carioca de Ramos, o Cacique de Ramos cresceu de desfiles no bairro ao carnaval do Centro, tornando-se bloco de embalo e fenômeno nos anos de 1960-70.

---

<sup>xxii</sup> Ubirany Félix do Nascimento (1940-2020) foi percussionista, cantor e compositor, foi um dos fundadores do grupo Fundo de Quintal, e reconhecido como o criador do instrumento repique de mão.

<sup>xxiii</sup> “Menino Velho” é uma composição de Toninho Nascimento e Romildo Bastos, gravada por Clara Nunes no LP *Nação* no ano de 1982. A canção mistura memória e religiosidade, com imagens da infância e referências afro-brasileiras como a luz de lamparina, a casa de barro e o ritmo do samba de terreiro.

<sup>xxiv</sup> A música integra o álbum *Colheita* de Mariene de Castro lançado em 2014. Mariene Bezerra de Castro é uma cantora nascida em Salvador. O seu trabalho é conhecido pela valorização da cultura afro-brasileira, dos ritmos baianos, do samba, do maracatu e do samba de roda.

<sup>xxv</sup> Wilson Moreira (1936-2018) e Nei Lopes (1942) formaram uma das parcerias mais importantes do samba brasileiro. Criaram clássicos como “Senhora Liberdade” e “Candongueiro”, que celebram as raízes afro-brasileiras, a resistência cultural e o samba de terreiro.

<sup>xxvi</sup> Regeilton Costa Alves, mais conhecido como Chico Alves (1968) é cantor, compositor e produtor cultural, nascido no Espírito Santo. É autor de mais de 150 músicas gravadas por grandes intérpretes. Em 2022, com Toninho Nascimento lançou o CD *Aluayê, os novos afro-sambas* que inclui a canção “Águas de Oya”.